

Nota do Organizador: Depoimento de Miguel Newton Arraes.
Reproduzido de *Arte em Revista* n. ano 2 v. 3, 1964.

QUE FOI O MCP?

"Educar para a liberdade". Com este objetivo foi fundado em Recife, durante a presidência de João Goulart e o Governo estadual de Miguel Arraes, o Movimento de Cultura Popular (MCP), uma sociedade civil, mantida pela Prefeitura de Recife e pelo Governo de Pernambuco. Além de um apoio oficial maciço, o MCP contou com o aval de grande parte dos intelectuais pernambucanos; entre seus fundadores figuram: Germano Coelho, Ariano Suassuna, Hermilo Borba Filho, Abelardo da Hora, Aloízio Falcão, Paulo Freire, Francisco Brennand e Luís Mendonça.

O MCP desenvolveu suas atividades a partir de um programa pedagógico cujo objetivo era "proporcionar a elevação do nível cultural do povo". Deste primeiro núcleo de atividades, ligado à Secretaria de Educação do Município e respaldado por um orçamento bastante amplo, o movimento desenvolveu atividades no campo da arte popular através do Departamento de Formação de Cultura; construiu seis praças de cultura, centros culturais e de ensino técnico, o grupo de Teatro de Cultura Popular, inspirou a criação de núcleos com objetivos semelhantes até o sul do país, etc. Devido a seu escasso tempo de existência, os resultados práticos da atuação do MCP não podem ser corretamente avaliados. Em fins de 1963, foram feitos estudos para encaminhar a ampliação do movimento para além do âmbito municipal, mas o MCP foi dissolvido imediatamente depois do golpe de 1964, sob pesada repressão.

As atividades do MCP, aliadas à atmosfera política da época, inspiraram o CPC no sul do país, mas os programas que animaram um e outro provinham de diferentes concepções sobre cultura popular e politização das classes trabalhadoras. O MCP definia-se como órgão técnico, rigorosamente apolítico. Sua concepção de educação, no entanto, incluía, consoante com a aplicação do método Paulo Freire, a "capacidade aquisitiva de idéias sociais e políticas". Segundo seus estatutos, a educação deveria ser programada para "ampliar a politização das massas, despertando-as para a luta social". Surgia, na época, a noção distintiva entre "politização" e "conscientização", introduzida pelas implicações sociais do método Paulo Freire; este afirmava que a finalidade da alfabetização era dar ao povo consciência social, e que esta, por sua vez, abria o leque das opções políticas. Grande importância também era atribuída à profissionalização, que permitiria uma inserção mais consciente dos setores mais carentes na realidade brasileira.

Com relação à cultura popular, o órgão encarregado tinha como finalidade "interpretar, desenvolver e sistematizar a cultura popular", através de "pesquisas de folclore, programa de ajuda aos artesãos e apresentação de grupos folclóricos", com o propósito de estabelecer a relação entre jovens, intelectuais e artistas e o povo, considerado como depositário das tradições e raízes brasileiras.

Outra das importantes realizações do MCP foi o Teatro de Cultura Popular. A partir de maio de 1962, o grupo que se chamara anteriormente Teatro do Povo, dirigido por Luís Mendonça, passa a trabalhar sob amparo econômico do MCP e com *Julgamento em novo sol* (de Augusto Boal e mais quatro autores, inclusive o diretor Nelson Xavier), passa a denominar-se Teatro de Cultura Popular. Teatro destinado a afirmar "os valores genuinamente regionais e nacionais com a dimensão universal que lhes confere a obra autêntica". "O MCP encenou peças que encaminhavam, conscientizavam o nosso povo quanto à solução de problemas candentes e permanentes nossos. Agora, a maneira de tratar estes temas: artística", segundo Germano Coelho, presidente do MCP de 1961 a 1964.

Sem advogar o rompimento com a cultura internacional, o MCP postulava o "desenvolvimento de uma cultura mais autenticamente nacional, buscando as raízes da cultura brasileira onde elas se encontram, no meio do povo". As elites intelectuais brasileiras estariam cada vez mais orientadas por padrões e matrizes de outras culturas, sem enxergar o que de fato constituem os problemas culturais brasileiros, cuja solução só seria possível através de matrizes culturais, próprias, que corresponderiam muito mais a uma índole e a uma natureza de ser brasileiras. Mas, em recente entrevista, Germano Coelho insiste no fato de que o MCP não se propunha um ângulo estritamente político do assunto. "Nós não pensávamos na dominação cultural do nosso país, pensávamos positivamente, porque essa primeira forma seria mais negativa. Pensávamos, por exemplo, assim: vamos ajudar o desenvolvimento e a preservação da cultura brasileira existente no nosso meio."

A cultura, numa acepção dinâmica, incluía "os ritmos, a música, a maneira simples de encarar as coisas, a cozinha rica de cada tempo (como no S. João, com o milho e a pamonha), e as danças, os símbolos e valores bem brasileiros". Destas fontes, intelectuais, artistas, poetas e pintores extrairiam uma inspiração mais nacional. Conforme ainda Germano Coelho: "Não nos debruçamos sobre o povo para auxiliá-lo. Nós nos voltamos para o povo para aprender". A esta idéia, ao contrário do que propunha o CPC da UNE, subjaz a concepção de cultura popular segundo a qual a produção cultural do povo não reflete, pelo menos em absoluto, a dominação social e cultural a que é submetido. Pode, eventualmente, exprimir o conformismo com a opressão e a aceitação do status quo. "Mas isto não atinge nunca o samba em si, o frevo em si, que podem expressar também o inconformismo, a rebeldia e o anseio de emancipação nacional."

Publicamos, a seguir, o último balanço das atividades do MCP, datado de 1964, um dos poucos documentos que restaram a nosso alcance após sua extinção.

Presidente do MCP - MIGUEL NEWTON DE ARRAES ALENCAR
Chefe do Serviço de Administração – JOSÉ MARQUES DE MELO

"Como Prefeito do Recife, tive oportunidade de, juntamente com homens de todas as tendências religiosas e políticas, iniciar um Movimento que iria levar ao povo uma nova atitude, que não era aquela dos intelectuais encastelados e dos estudantes que estudam para fora do Brasil e não para dentro de nossa realidade, nem dos que se consideram donos do povo, mas daqueles que aprendem com o povo o que os doutores não sabem: a ciência do sofrimento da vida."

Miguel Arraes

O Movimento de Cultura Popular é uma sociedade civil criada com o apoio da Prefeitura Municipal do Recife para "promover e incentivar, com a ajuda de particulares e dos poderes públicos, a educação de crianças e adultos" e "proporcionar a elevação do nível cultural do povo".

Nasceu o MCP no Recife, cidade proletária. No Recife da insurreição pernambucana. Do nativismo. Da abolição. Das revoluções libertárias. Nasceu do ascenso das forças populares. Da organização das massas urbanas, que se fizeram representar nos postos-chaves do governo e da administração.

Tem sua sede nas terras históricas do Arraial do Bom Jesus, e guarda também o mesmo espírito de luta. De autodeterminação. De fidelidade às tradições culturais do país. De responsabilidade quanto à sua independência definitiva.

É um órgão de caráter técnico, rigorosamente apolítico e pluralista, segundo o modelo da UNESCO, porquanto não discrimina filosofia, credo ou convicções ideológicas. É um lúcido esforço da comunidade inteira – populares, estudantes, intelectuais, particulares e poderes públicos – para acelerar a elevação do nível material e espiritual do povo, através da educação e da cultura. Nunca do assistencialismo, do empreguismo, de eleitoralismo.

Porque a obsessão do MCP é educar para a liberdade. Para a autonomia. Para a maioria. Educar não só a criança. Mas o adolescente. E também o adulto. Educar através de escolas comuns. Educar, recorrendo a processos informais, nas praças públicas e em plena rua. Educar pelo rádio. Pelo cinema. Pela televisão. Pela imprensa. Educar, explorando novos métodos e técnicas de educação. Experimentando. Adaptando. Criando. Educar, recreando. Educar, informando.

É assim a escola do MCP. A escola desburocratizada. Gratuita. Tecnicamente orientada. Descomercializada, porque não transfere, sob quaisquer pretextos, recursos que são para a educação. Desalienada. Regionalizada. Popular, porque voltada para a emancipação do povo. Alfabetizando. Educando. Transmitindo a cultura. Profissionalizando.

“O Movimento de Cultura Popular nasceu da miséria do povo do Recife. De suas paisagens mutiladas. De seus mangues cobertos de mocambos. Da lama, dos morros e alagados, onde crescem o analfabetismo, o desemprego, a doença e a fome. Suas raízes mergulham nas feridas da cidade degradada. Fincam-se nas

terras áridas do Nordeste. Refletem o seu drama, como 'síntese dramatizada da estrutura social inteira'."

Germano Coelho

Para enriquecer esta. Para torná-la atraente, apesar de pobre. Para motivar a ida á escola – tantas vezes funcionando num mocambo - e deflagrar, na comunidade, a paixão do saber, o MCP tudo mobiliza. Tudo aglutina. E funde tudo sob uma só bandeira, num só movimento de educação e cultura para todos. O diversificado e denso folclore do Nordeste. O natalino, e carnavalesco e o joanino, que darão ao povo o comando incontestável de nossas grandes festas populares. Que caracterizam a originalidade de nossa cultura. E enfatizam a contribuição popular. As artes plásticas e o artesanato. O teatro. O cinema. A música, o canto e a dança. A literatura. A ciência. A pesquisa. Os problemas brasileiros. O cooperativismo. O sindicalismo. A documentação. A formação profissional. Os esportes. Atividades sem conta, que se institucionalizam em escolas, cursos, bibliotecas, conjuntos teatrais, centros de cultura, ciclos de leitura, institutos de pesquisa, museus, galerias de arte, centros artesanais, cine-clubes, praças de cultura, tele-clubes, discotecas, festas populares, festivais, semanas de estudos, seminários, painéis, dramatizações, conferências e debates.

É esta complexidade que dá ao MCP o caráter de uma experiência nova de universidade popular, no Nordeste.

Na verdade, integrando crianças, adolescentes e adultos, o MCP institui uma universidade apta a enfrentar os problemas da universalidade do conhecimento, dentro de uma perspectiva de unidade.

Vinculando o povo, mesmo analfabeto, à estrutura universitária, instaura uma autêntica universidade popular, assegurando simultaneamente a elevação do nível cultural das grandes massas e a plena compreensão do povo quanto às necessidades da profissionalização, da pesquisa científica e do desenvolvimento da cultura.

Concebendo a educação e a cultura como um processo ininterrupto de aquisição, cria uma instituição que não estratifica conhecimentos, nem paralisa o progresso social, num mundo essencialmente dinâmico.

Unindo povo-juventude-intelectuais num só movimento, assegura a autenticidade, a força de expansão e a orientação correta de uma universidade que se volta, primordialmente, para a valorização do homem brasileiro, a desalienação de nossa cultura e a emancipação econômica e social do país.

REALIZAÇÕES



Abelardo da Hora
Meninos do Recife – gravuras
reproduzidas do álbum
publicado pelo MCP, como “um
protesto contra a miséria, a
doença, o desemprego e a
fome”

Quando o ex-Ministro da Educação e Cultura, Prof. Oliveira Brito, visitou os grupos escolares do MCP e a sua sede, no Arraial do Bom Jesus, afirmou, referindo-se ao então Prefeito Miguel Arraes: "só um governo de vanguarda apoiaria um Movimento autêntico como este". Porque, embora tendo cerca de quatro anos de existência, já é grande o acervo de realizações do MCP.

São as 414 escolas, dentre as quais 14 grupos escolares, perfazendo um total de 1.044 classes, organizadas em três turnos, que educam 30.405 alunos, dos quais 27.703 crianças e 2.702

adolescentes.

São os 49 Clubes de Mães, que integram a família à escola, mantendo cursos de orientação doméstica. De corte e costura, de bordado à máquina, de bordado à mão, de confeitaria e arte culinária, de artes industriais, de mecânica, de carpintaria.

São os 414 Círculos de Pais, congregando toda a comunidade para participar dos problemas da escola e unindo-a em torno dos ideais do MCP.

É um Centro de Artes Plásticas e Artesanato com cursos de tecelagem, tapeçaria, cerâmica, cestaria, cartonagem, fantoches, pintura, desenho, estamperia, modelagem, gravura e escultura, aberto ao público em geral e destinado também a especializar o professorado do MCP.

São os Centros Artesanais nas Colônias de Cova da Onça, Guabiraba, Galiléia, Cabo, Barra e Terra Preta, reunindo a mão-de-obra ociosa e preparando os colonos para trabalhos de pequena indústria, além de realizar a organização efetiva de toda a comunidade em torno das atividades do MCP.

É uma Galeria de Arte, construída às margens do Capibaribe, apresentando uma nova exposição em cada quinze dias, contribuindo para o desenvolvimento e a difusão das artes plásticas e do artesanato.

É uma Escola de Motoristas-mecânicos dotada de equipamento completo, apta a alfabetizar, educar e profissionalizar uma centena de alunos em cada turma.

É o Curso de Montadores de Rádio, preparando pessoal especializado para fabricação de rádios em série e encaminhando-os para a formação de cooperativas de produção.

É o Centro de Cultura Dona Olegarinha, na casa de José Mariano, no Poço da Panela, onde o Prof. Paulo Freire realizou as primeiras experiências do seu sistema audiovisual de alfabetização de adultos, e hoje funciona com cursos de corte e costura, datilografia, alfabetização, educação de base e tele-clubes.

São cinco Praças de Cultura, em Iputinga, no Alto da Torre, em Beberibe, na Várzea e em Casa Amarela, levando às comunidades locais bibliotecas, teatro, cinema, televisão, música, esportes, educação física, jogos infantis, além de orientação pedagógica para crianças, adolescente e adultos.

É o Teatro do Arraial Velho, ao ar livre, construído nas encostas do Arraial do Bom Jesus, e o Teatro do Povo, ambulante, para ser armado nos arrabaldes da cidade, durante o verão, constituindo ambos instrumentos da popularização do teatro.

É o conjunto teatral, o Teatro de Cultura Popular, distinguindo-se já em vários festivais de teatro nacionais, e há pouco convidado pelo Itamarati para representar o Brasil no Festival das Nações em Paris, depois de sua vitoriosa apresentação em Brasília, a convite da Casa Civil da Presidência da República.

São os Clubes de Teatro, organizados nos Centros Educativos Operários e nos Sindicatos, formando assim conjuntos cênicos de operários, que se apresentam em sistema de revezamento em todos os bairros do Recife, levando uma mensagem de arte à população proletária do Recife e também às massas camponesas do interior do Estado.

É o trabalho científico de pesquisa social dedicado, neste instante, à elucidação de problemas do nosso folclore; a estudos de comunidade indispensáveis à erradicação do analfabetismo e à execução de um programa sistemático de educação e cultura; e, enfim, à experimentação de novas técnicas educacionais que abreviem o tempo de alfabetização.

É um programa editorial, há pouco iniciado com a Coleção de Cultura Popular, editando o livro do escultor Abelardo da Hora *Meninos do Recife* e o *Livro de Leitura para Adultos*, considerado por Anísio Teixeira como "a melhor cartilha para adultos analfabetos, no Brasil", e já agora em 2.ª edição.

É a "Página de Cultura Popular" editada dominicalmente no jornal *Última Hora*, divulgando trabalhos de educadores, intelectuais e artistas voltados para a cultura do povo.

É o filme *Cabra marcado para morrer*, cujas filmagens já foram iniciadas, e que relata o drama das populações camponesas no Nordeste, agora em sua fase de intenso despertar.

São os Centros Populares de Costura, que estão em período de estruturação, e destinam-se ao agrupamento de famílias para a confecção de roupas feitas, a baixo custo, e posterior revenda em todo o Estado.

São os 20 ambulatórios e os 3 Pronto-Socorros, localizados nos diversos bairros do Recife, realizando um trabalho de assistência médico-odontológica de urgência para cerca de 73.313 pessoas.

São os programas de educação sanitária e profilaxia, descentralizadas nas unidades escolares, atingindo alunos e famílias.

É o Serviço de Assistência Itinerante, com 3 equipes atuando nos municípios do interior do Estado e assegurando às populações assistência médico-sanitária de urgência, realizando tratamentos sistemáticos de doenças endêmicas, efetuando o rastreamento da tuberculose através do cadastro torácico e tuberculíneo, realizando vacinação sistemática contra a varíola e a febre tifo, preparando práticos em enfermagem em cada localidade visitada, dando assistência às "curiosas", mobilizando líderes da coletividade para a difusão de noções de educação sanitária; de modo a incrementar uma nova atitude nas populações rurais frente aos problemas de saúde, efetuando, enfim, o levantamento das condições sanitárias e médico-assistenciais de cada comunidade.

São as festas populares e religiosas do Recife, já institucionalizadas - a Festa de Natal e a Festa de São João -, mobilizando, no seu ciclo próprio, o ritual religioso do tempo e os conjuntos folclóricos típicos do Recife, de Pernambuco e de outras áreas do Nordeste, para a preservação de autênticas tradições da região, que levam anualmente ao Arraial do Bom Jesus dezenas de milhares de pessoas.

São os Festivais de Cinema, Teatro e Música, que aproximam o artista do público, concorrendo para a democratização da cultura.

São as Semanas Estudantis de Cultura Popular, que reúnem, cada ano, o estudantado brasileiro para o exame dos grandes problemas nacionais, instaurando, em caráter permanente, o debate sobre novos métodos e técnicas de ensino.

É, enfim, a grande Campanha de Alfabetização, que atinge grande parte do interior pernambucano; com 246 círculos de cultura já funcionando na cidade do Recife, alfabetizando 7.388 adultos; inúmeras equipes atuando na zona da mata, preparando alfabetizadores populares e criando condições para levar educação e cultura às populações camponesas e integrá-las no processo de ascensão das forças democráticas pela libertação econômica do nosso país.

